



**A PROSTITUIÇÃO NO RIO DE JANEIRO DURANTE O FINAL DO SÉCULO XIX:  
UMA ANÁLISE SOBRE A REPRESENTAÇÃO FEMININA**

**NO PERIÓDICO O CARBONÁRIO**

**PROSTITUTION IN RIO DE JANEIRO AT THE END OF THE 19TH CENTURY:  
AN ANALYSIS OF FEMALE REPRESENTATION**

**IN THE PERIODICAL O CARBONÁRIO**

Isabela Barrio<sup>1</sup>

**RESUMO**

O presente artigo pretende analisar como se configurava a prostituição no Rio de Janeiro, assim como seus aspectos sociais, além de discutir como eram retratadas as mulheres públicas no jornal carioca Carbonário, publicado de 1881 até o fim em 1890. Durante a metade do século XIX, a cidade do Rio de Janeiro passou por uma expansão urbana devido a chegada de imigrantes, o que ocasionou o surgimento de uma vida noturna e um aumento expressivo nas zonas de meretrício e do índice de prostituição. Deste modo, é investigado as concepções criadas sobre a prostituta, assim como de outras figuras presentes nas zonas de meretrício, a fim de salientar a importância do sujeito feminino na história.

**Palavras-chave:** Prostituição; Carbonário; Rio de Janeiro.

**ABSTRACT**

This article aims to analyze how prostitution was configured in Rio de Janeiro, as well as its social aspects, in addition to discussing how public women were portrayed in the Rio newspaper Carbonário, published from 1881 until the end of 1890. During the middle of the 19th century, the city of Rio de Janeiro underwent urban expansion due to the arrival of immigrants, which led to the emergence of a nightlife and a significant increase in the areas of prostitution and the rate of prostitution. In this way, the conceptions created about the prostitute, as well as other figures present in the meretricious zones, are investigated in order to highlight the importance of the female subject in history.

**Keywords:** Prostitution; Carbonário; Rio de Janeiro

---

<sup>1</sup> Graduanda do 4º ano de curso de História pelo UNISAGRADO, Bauru-SP. Artigo realizado para as disciplinas de História Contemporânea e Metodologia de Pesquisa em História, sob a orientação da Profª Drª Lourdes M. C. Feitosa e do Profº Drº Roger M. M. Gomes.



## INTRODUÇÃO

Desde sua colonização pelos portugueses o Brasil é um território fértil para o exercício da prostituição devido ao desejo dos colonizadores de evitar a miscigenação entre branco e indígenas. Logo desta forma 1549 foi estimulado a imigração de mulheres brancas provenientes de Portugal, às quais eram em sua maioria ladras, prostitutas e órfãs (CAUVOR, 2011, p.15). Mais adiante na segunda metade do século XIX a cidade do Rio de Janeiro se encontrava em uma situação de poucos empregos com uma população muito numerosa de desempregados, tornando a prostituição um ofício muito lucrativo para muitas mulheres e homens tanto para os nativos quanto para os estrangeiros.

Em 1850 a cidade do Rio passou por uma expansão urbana ocasionando o surgimento de uma vida noturna com um ambiente propício para a proliferação de casas de prostituição, que devido a um grande fluxo de imigração tornou-se popular a figura das meretrizes estrangeiras às quais eram um referencial de prazer. Contudo, existia uma gama de etnia diversificada de mulheres que atuavam como prostitutas assim como afirma (ENGEL, 2004): “O meretrício tinha um perfil econômico-social e cultural diversificado, pois era composto por escravas, libertas, mulheres livres brasileiras ou estrangeiras”.

A prostituição no final do século XIX já havia se consolidado dentro do país e já estava sendo tolerada pela sociedade carioca a qual possuía em vários bairros fluminense a presença de grandes bordéis e zonas de meretrício, frequentados por homens de variadas classes sociais. Conforme Renata Casemiro Cavour (2011, p. 17), os bordéis e cabarés serviam a um mal necessário tendo como objetivo a saciedade dos impulsos sexuais masculinos impróprios para não transmitir às suas mulheres além de servir como rito de iniciação sexual para os jovens.

Inegavelmente nota-se que os bordéis e cabarés serviam como uma fuga moral para os homens do período, sendo necessário para a saciedade dos desejos sexuais masculinos os quais eram considerados impróprios para o casamento que possuía o objetivo apenas de procriação. Todavia segundo Sacramento (2006 p 44).



O século XIX foi hipócrita, uma vez que permaneceu atado aos valores da Igreja e depois aos da Ciência. Ambas impunham a contenção, seja enquanto preservação dos bons costumes, seja em nome do higienismo. Isso, entretanto, só na aparência, porque, na prática, praticava-se sexo longe das regras, ainda que os casamentos continuassem sendo regidos por normas bem estreitas, à mulher cabendo o recato, a discrição e a amabilidade, sendo a cerimônia imposta para o grupo social que se encontrava no topo da pirâmide. (*apud* PRIORE 2005).

No jornal O carbonário de caráter popular que visava transmitir informações de interesse do cotidiano é possível perceber prostituição representada com os aspectos negativos, mas ainda sim considerada um mal necessário para a sociedade, uma vez que as práticas libidinosas das prostitutas tinham a função de ser uma fuga para os homens do ambiente familiar e dos códigos normativos ou da disciplina do trabalho. Para Renata Casemiro Cavour (2011, p. 17):

O bordel funcionava como uma fuga para uma sociedade que de dia trabalhava e tinha diversas limitações morais sexuais. Diferentes formas de lazer ou até mesmo acordos políticos eram feitos nas noites boêmias junto ao som de músicas animadas e mulheres liberadas sexualmente.

Mediante a desvinculação da utilização das fontes empregadas na metodologia positivista tradicional na qual se pauta na utilização de fontes oficiais e adotar uma perspectiva analítica a qual aborda os periódicos como fontes a respeito desse tema torna-se possível analisar de que forma ocorria e quais eram os aspectos sociais da prostituição nos bairros do Rio de Janeiro mediante a opinião popular apresentada no periódico carioca Carbonário. Tendo em vista que a utilização dos jornais para a pesquisa em história pode contribuir para estudos sociais, culturais, literários e de gênero uma vez que Segundo Carlos Leite

A imprensa não apenas interfere nas questões políticas, mas em diversos setores da vida social, na articulação e disseminação de ideias, valores, referências, memórias, ideologias, modos de pensar e agir em sua historicidade, o que a torna uma fonte inesgotável de pesquisa e estudo. ( LEITE, 2015, p.3)

Ao analisar a história da imprensa brasileira nota-se que por meio de um aumento da veiculação de jornais há um gradativo estímulo para que as pessoas aprendam a leitura e escrita. Segundo Gomes e Lapechino (2008, p.07), no decorrer do século XIX ocorre uma quebra de paradigma onde percebe-se a necessidade de abranger um público maior de leitores a fim de



desconstruir o elitismo presente nas páginas dos jornais em veiculação e alcançar a população como um todo. De todo modo, uma prática comum no cotidiano da época era o hábito do compartilhamento de informações através de leituras coletivas, o que acabava por divulgar as notícias dos jornais aos iletrados por meio da oralização. Nessa conjuntura, por meio da palavra falada ou impressa, o público informado alcança novas proporções. (GOMES; IAPECHINO). A partir da primeira metade do século XIX, torna-se comum a veiculação de periódicos específicos para determinadas camadas da sociedade, principalmente tendo em vista a propagação do desejo de liberdade de expressão pelos intelectuais e culturalistas

O Rio de Janeiro, então capital do Império, foi o local da primeira grande eclosão industrial em território brasileiro, liderando os avanços econômicos e, conseqüentemente, configurando-se como o centro da modernidade composta pelo avanço do comércio, o aumento das atividades urbanas, pelas construções e indústrias, apresentando a formação da elite urbana pautada na importação e exportação de produtos.

Nesse contexto, caracterizado pela passagem de uma economia colonial para as bases estruturais capitalistas, emerge a necessidade por parte do Estado de suprir rapidamente a necessidade de mão-de-obra que se encontrava no setor da exportação cafeeira, promovendo para tal uma política de imigração, o que posteriormente também acarretaria na contribuição desses trabalhadores para o setor industrial. (BLASS, 2002)

Ainda que na esfera do trabalho não houvesse apenas trabalhadores imigrantes, mas também indígenas e negros que se encontravam inseridos nas atividades industriais desde o início de sua formação... (frase não concluída). Após a abolição da escravidão, os trabalhadores assalariados tiveram um aumento gradativo em seus números, intensificados pelos imigrantes europeus que chegaram ao Brasil com a esperança de “fazer a América”, ou seja, objetivando o enriquecimento nas terras sul-americanas.

Nessa conjuntura, com a presença de operários imigrantes, com a acumulação de capital advindo das lavouras cafeeiras e a concentração da população em núcleos urbanas, estrutura-se a classe operária, que coloca em discussão aspectos relacionados ao meio do trabalho através de publicações de jornais, abordando as suas reivindicações. Durante as décadas finais do



século XIX, vê-se aumentar gradativamente a fundação de jornais, muitos deles relacionados a assuntos de cunho político, coincidindo com a vinda do operariado imigrante.

## A PROSTITUIÇÃO NO RIO DE JANEIRO DURANTE O FINAL DO SÉCULO XIX

No século XIX torna-se notório a desproporção populacional entre homens e mulheres o que favoreceu o incentivo a imigração para a América Latina. Desta maneira, durante esse período a prostituição ganha espaço em meio à sociedade brasileira, sendo construídos grandes bordéis e zonas de meretrício. A cidade do Rio de Janeiro, movida pela busca do progresso da modernidade e da “civilização”, busca se inserir no mundo civilizado busca se pautar no padrão de vida europeu, ao se fundamentar nesses referenciais europeus a “prostituição ganha espaço na sociedade carioca tornando-se uma opção com maior expressividade de ganhos” (CAUVOR, 2011, p 2).

As mulheres que atuavam nas zonas de meretrício se dividiam em três classes distintas, a primeira classe denominada de aristocráticas ou de sobrado ficava em casas bonitas e bem ornamentadas e eram sustentadas por aristocratas sendo constituída por mulheres francesas as quais se tornaram um referencial de prazer e sofisticação. Segundo Cavour (2011), o fato de dormir com uma francesa fazia os homens brasileiros se sentirem o mais legítimo dos franceses, criando em sua percepção uma ligação com a Europa e, portanto, com a própria modernidade em si.

A segunda classe de mulheres que exercia o ofício eram as de sobradinho que ficavam instaladas em cafés e hotéis, também faziam abordagens aos clientes nas avenidas e praças públicas sendo constituídas de mulheres mucamas, mulatas e estrangeiras como é o caso das polacas originárias, em sua maioria, do leste europeu. Logo a terceira classe chamada de meretrizes da Escócia era composta dessa mesma camada social de mulheres, porém elas residiam em cortiços e em casebres.

A figura da mulher estrangeira nas zonas de meretrício era algo excessivamente comum uma vez que conforme Beatriz Kushnir (1996) a América Latina era o destino preferido dessas mulheres pois a cultura latina tinha uma alta tolerância a prostituição e uma fraca política de



repressão aos caftismo, deste modo no final do século XIX nos bairros cariocas havia uma grande diversidade de estrangeiros trabalhando nas zonas de meretrício seja representado pelos caftens que segundo Ferreira da Rosa

Caften é o indivíduo que escraviza mulheres neste fim do século XIX. O cáften é o homem que vive ocioso, traficando comodamente com a moça ignorante que vai arrancar ao seio da culta Europa. O cáften é o miserável que explora a crápula, assoalha o vício, empunha a chibata, e arranca sangue e ouro da carne das mulheres sujeitas ao seu senhorio. (FERREIRA DA ROSA, 1896, p.22)

Tal como representado pela figura da mulher de vida pública natural de países da Europa, as quais eram muitas vezes enganadas pelos caftens em seu país de origem ou vinham para América já introduzidas na prostituição, com o objetivo de “fazer a vida” no Novo Mundo, desta maneira cabe destacar a imagem do caften como aliciadores das mulheres que realizavam o ofício sendo ele mais presente entre as de sobradinho e escória. Conforme Marinete dos Santos Silva

Embora não utilizando a palavra proxeneta, já admitia a existência de indivíduos que exploravam as prostitutas. Falava, então, de azeiteiros e rufiões. Afirmava que o azeiteiro ou amante persistente era um personagem muito comum entre as prostitutas que ele classificava como de segunda e terceira classe, ou seja, as medianas e as verdadeiramente pobres. (SILVA, 2015, p 3)

O caftismo assim como a prostituição no Brasil durante o final do século XIX não sofreu medidas legais eficazes para impedir a ação dos mesmos, sendo a punição máxima para os caftens a deportação de acordo novamente com Marinete dos Santos Silva

Essa tolerância das autoridades policiais com o proxenetismo, além da própria lentidão do processo de expulsão do país, dava tempo para que muitos indivíduos adotassem a cidadania brasileira e, dessa forma escapassem da punição, visto que os nacionais sequer eram incomodados. (SILVA, 2015, p 8)

Todavia, a comunidade médica do período se mostrava preocupada com as consequências higiênicas da prostituição defendendo deste modo a regulamentação do ofício com a finalidade de combater a desmoralização social e acabar com a proliferação das doenças sexualmente transmissíveis. Para tal medidas policiais foram pensadas obrigando as mulheres



públicas a se registrarem como prostitutas e passar por exames regulares, para os médicos a prostituição era compreendida como uma doença tanto moral quanto social como afirma Engel.

Foco de contaminação sífilítica, núcleo de disseminação da imoralidade, espaço da ociosidade, enfim, atentado “à persistência monetária que constitui o patrimônio das famílias e da sociedade”, a prostituição é classificada como ameaça à saúde física, moral e social do conjunto da população urbana e, enquanto tal, deve ser controlada (ENGEL, 2004, p. 138).

Tendo em vista a visão médica sobre as mulheres públicas no final do século XIX, a imagem delas na sociedade era associada a vícios e disseminação de doenças representando o oposto do que uma mulher de família deveria ser associada. Para corresponder aos padrões femininos impostos no período, a mulher idealizada do século XIX era considerada um apêndice do lar e do marido onde deveria se dedicar à casa e aos filhos (NETO, 2018, p. 3). Enquanto a prostituição apesar de ser considerado um mal necessário para a satisfação do desejo masculino era algo relacionado com a vida privada, a prostituta era constantemente tratada de maneira depreciativa, assim como relata Nickie Roberts “mal-humorada e selvagemmente frívola, arrogante e vulgarmente familiar; mudava constantemente e impulsivamente suas opiniões, trajes, humores, casa e até mesmo classe social” (1998, p. 268).

Deste modo, ao se analisar os discursos tanto sobre as prostitutas quanto sobre a prostituição no Rio de Janeiro durante do século XIX, torna-se nítido o local social que elas ocupam e as distinções que ocorrem entre elas, sendo as mulheres francesas um referencial de prazer chegando a ocupar espaços públicos de alto padrão como cafés e teatros e tendo como clientes homens com alto padrão financeiro e alta influência social, conforme afirma Marinete dos Santos Silva “O jornal O Carbonário acusou- às vezes de forma até jocosa- deputados e senadores de frequentarem prostitutas caras”. Enquanto às meretrizes de sobradinho e escória ficavam em locais mais populares frequentado por homens menos abastados como imigrantes, pequenos funcionários públicos e até membros do clero (SILVA, 2012, p. 4).

Logo o desenvolvimento da prostituição no século XIX a qual deu-se por meio da chegada de mulheres imigrantes possuía um caráter tanto de fuga social para os homens quanto





de controle sexual a fim de não expor às mulheres do lar, cuja função era conceber, aos desejos sexuais masculinos.

## O CARBONÁRIO COMO FONTE

O jornal carbonário foi composto estruturalmente visando uma fácil leitura, dispondo de artigos e comentários em colunas específicas desde o início de sua publicação em 1881 até o fim em 1890. Nesse contexto oitocentista, os periódicos em circulação buscavam justamente suprir o baixo índice de alfabetização através da fácil linguagem utilizada, além do uso de primeira pessoa facilitando a compreensão dos ouvintes quando lida em voz alta, sendo uma prática comum dessa época.

Disposto em quatro páginas e sendo publicado duas ou três vezes na semana, o Carbonário é subdividido em colunas na primeira página normalmente compostas por assuntos políticos, visando especialmente os assuntos locais, que faziam parte e afetavam de maneira direta o cotidiano da comunidade. Por conseguinte, são apresentadas notícias sobre as ruas principais e posteriormente a coluna livre, destinado às exposições das opiniões dos moradores locais e onde as denúncias mais recorrentes sobre a prostituição são visíveis.

Com destino às camadas populares, o conteúdo do impresso era organizado da seguinte maneira: as duas primeiras folhas eram dedicadas principalmente à publicação de notícias de alta relevância social, com temas políticos e econômicos de âmbito tanto regional como nacional, tratados em longos artigos. Nas outras páginas aparecem pequenas e diversas notícias que abordavam acontecimentos locais, onde é possível destacar a seção livre e a coluna Fatos e Boatos, que eram constituídas por pequenas notas assinadas anonimamente, contendo denúncias sobre os assuntos do cotidiano regional.

O Jornal era organizado de forma simples contendo um cabeçalho no início da primeira página com o nome do jornal, o dia, o ano, a cidade de publicação, assim como o número da edição, os dias da semana em que eram publicados e o seu valor. Todavia, a partir de 1885 começa a ser citado o nome do editor responsável - João Manuel Soares da Silva, e segue este





padrão até 1886, onde deixa de ser citado. As matérias eram dispostas em colunas e nos anos iniciais o jornal não apresenta fotos ou desenhos, sendo perceptível a presença de pequenos desenhos ilustrativos apenas após o primeiro ano de sua publicação.

O periódico Carbonário destinava pouco espaço aos anúncios publicitários, os quais eram apresentados no jornal ao final da quarta e última página apresentando, usualmente, no máximo três anúncios. O impresso ainda apresenta em seu cabeçalho, em letras pequenas, duas frases: a primeira trata-se de uma parte de um provérbio popular “Quem não quiser ser lobo...”, referindo-se ao ditado “Quem não quer ser lobo não lhe vista a pele”, assim como uma frase em Latim “Lex omnibus”, que significa “a lei é para todos”, deixando, deste modo, visível aspectos do caráter político e popular do jornal.

Nas páginas do impresso por meio das notícias expostas nas colunas fixas é apresentado para os leitores um panorama geral de como se dava a prostituição no Rio de Janeiro, às as rotas do tráfico de mulheres que eram destinadas à prostituição, apesar de não serem claramente visíveis, são apresentadas constantemente evidenciando Buenos Aires como um dos principais centros dessa atividade criminosa assim como ocorre a retratação tanto de mulheres estrangeiras provindas usualmente de países europeus como de homens que atuavam como caftens nos bairros do Rio de Janeiro atuando nas zonas de meretrício.

os caftens trazendo de Buenos Ayres uma legião de mulheres depravadas que aqui vêm ser escravas delles. Ultimamente tem chegado umas dez ou doze; são as que se acham em diversas rótulas desta rua, não contando com as da rua da Carioca. Os moradores desta rua estão vendo as suas casas de. negocio mal paradas, e as habitações obrigadas a terem as janellas fechadas para não assistirem ás scenas escandalosas que se passam.

Alguns morador. (CARBONÁRIO, 1888, vol.63, p.3)

Muitos dos relatos retratados sobre a prostituição no periódico são breves e de forma anônima nas colunas Fatos e Boatos e na Secção Livre dando uma conotação popular à presença das mulheres públicas no contexto social carioca, onde a figura feminina vem sempre atrelada ao homem sendo indicadas como como depravadas e inconvenientes. Toda via mesmo que de forma breve é comum encontrar descrição física, o nome e a nacionalidade dessas



mulheres dentro do Carbonário “Adelia, polaca, cor morena, olhos negros, bocca rasgada, voz de taxo. Chegou ha pouco de Buenos-Ayres e está na rua do Lavradio. Tem caften, dizem, e veio de um conventilho em que haviam” (CARBONÁRIO,1888, Vol 49, p.2).

Ainda no impresso são feitas muitas denúncias da população local sobre a atuação das prostitutas e também ocorre uma cobrança social para que o governo tomasse de medidas punitivas a respeito das ações realizadas nesse ofício. Deste modo, além dos relatos populares anônimo, o exercício da prostituição vem vinculado à existência de doenças, tornando-se cada vez mais frequente nas páginas do jornal notícias vinculando essas mulheres com a transmissão de doenças venéreas como sífilis, o impresso no ano de 1888 apresenta uma notícia intitulada ““Hygiene” onde coloca os homens que contraíam a doença como vítimas das prostitutas

“ Hontem encontramos em uma rua desta corte um moço completamente inutilizado para o trabalho, todo syphilitico, todo rheumatico, com as partes visíveis do corpo cobertas por grandes chagas de mau character: finalmente, em um estado tal que faria lastima e dó. A victima de taes soffrimentos, entre angustias e dores, dissenos. — Isto que vedes é a consequencio das relações mantidas com uma rapariga que ahi anda pelos theatros— a Positivista. Ficamos horroisados. Em nosso paiz não ha ; infelizmente, um regulamento para a prostituição, que sujeite, como em toda a parte, as mulheres a revistas sanitárias periódicas. Por isso as Positivistas, as Amelias Faíscas, as Lucias, ahi andam, fóra dos hospitaes, quando deviam estar servindo para o estudo das enfermidades syphiliticas na Academia de Medicina !. Lamentamos a sorte do pobre moço, que antes conhecêramos gordo e sadio, activo, intelligente e trabalhador, hoje, porém completamente inutilizado. Chega a ser triste e doloroso!.”(CARBONÁRIO, 1888, vol 45, p. 2).

Todavia, mediante as inovações da nova historiografia da chamada Escola do Annales, que colocou em pauta a relevância da utilização de novas perspectivas como fonte histórica, os jornais passam a ser compreendidos como importante material para compreensão do passado. (OLIVEIRA, 2011) podemos perceber o jornal enquanto documentos históricos, não devem ser percebidos como um reflexo da realidade da qual se encontram inseridos, mas como documentos que apresentam perspectivas daqueles que os produzem. Deste modo, com o auxílio do Carbonário e de sua perspectiva popular, identifica-se que a prostituição no Rio de Janeiro era duramente criticada, sendo relacionada a um mau social onde as mulheres do baixo meretrício eram às mais afetadas pelas críticas devido ao espaço popular em que ocupavam.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos aspectos mencionados, é perceptível que tanto a figura da prostituta quanto o ofício que elas exerciam eram abordados de forma crítica, seja pela opinião médica quanto pelas camadas populares, como visível na leitura do jornal Carbonário. Nele, é mostrado as particularidades da prostituição nos bairros cariocas mediante a perspectiva popular por intermédio de pequenas notas anônimas, enquanto as concepções médicas são abordadas pelo jornal em grandes notícias

Deste modo, com a utilização do impresso ocorre uma constatação das rotas em que as mulheres estrangeiras passavam para chegar até o Brasil, assim como as áreas em que ocorriam as explorações e como elas se davam pelos caftens. Todavia, deve se ter cautela ao realizar análises ao periódico, pois no período cujo jornal era publicado às mulheres não possuíam voz ativa na sociedade e tinham a participação social reservada ao espaço privado, com uma vida quase que exclusivamente doméstica servindo ao marido, logo qualquer mulher que se desviasse desse padrão social poderia sofrer com o julgamento da comunidade em que viviam.

## FONTE

**CARBONARIO:** órgão do povo. Rio de Janeiro, RJ: Typ.do Carbonario, 1886-1888.

Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/carbonario/332771>. Acesso em: 9 set. 2020.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Taynara Mirelle do Nascimento. “Madame Pommery”: a prostituição das polacas no Brasil, **Entrepalavras**, Fortaleza, ago/dez 2015.

ASSMANN, Selvino José. Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã – por Marie Gouze, “Olympe de Gouges” (1791), **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**,



Florianópolis, v. 15, n. 1, fev. 2018. ISSN 1807-1384. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/54986>>. Acesso em: 17 de out. de 2020.

BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 196 - 219, jan. - abr. 2020.

BLASS, Leila. A formação multicultural do trabalhador assalariado brasileiro: o invisível pertinente. In: Chaia, M. e Silva, Ana A. (Orgs). **Sociedade, cultura e política**. Ensaios críticos. São Paulo: EDUC, 2004.

BULLOUGH, V. L.; BULLOUGH, B. **Women and prostitution: A social history**. New York: Prometheus Books, 1997.

CADERNOS DA COMUNICAÇÃO: SÉRIE MEMÓRIA. **Imprensa Revolucionária: O jornal como agente politizador**. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008.

CALIXTO, Lunara Abadia Gonçalves. **Prostituição e judaísmo em O ciclo das águas, de Moacyr Scliar**. Arquivo Maaravi, Minas Gerais, 2014.

CAVOUR, Renata Casemiro. Mulheres de Família: Papéis e Identidades da Prostituta no Contexto Familiar. 2011. **Tese** (Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

CARVALHO, Kátia de. Imprensa e informação no Brasil, século XIX. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 3, 1996. Disponível em: <http://dici.ibict.br/archive/00000179/01/Ci%5B1%5D.Inf-2004-510.pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

**Decreto de 2 de março de 1821** - Sobre a liberdade da imprensa. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/historicos/dim/DIM-2-3-1821.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/historicos/dim/DIM-2-3-1821.htm). Acesso em: 7 de out. 2020.



ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

FERREIRA DA ROSA, Francisco. **O lupanar: estudo sobre o caftismo e a prostituição no Rio de Janeiro: primeira parte da série de artigos publicados n'O Paiz sob a epigraphe a "podridão do Vício"**, Rio de Janeiro, 1896. Revisão de Ayrton Gonçalves; prefácio de Verena Kael e Matilde Teles; arte e diagramação de Angely Fleitas. 1. reimpr. Rio de Janeiro: [s.n], 2009.

FRÓES, Anelise. Da escravidão ao protagonismo-trajetórias de mulheres judias de escravas brancas às sociedades femininas de ajuda mútua no Rio de Janeiro e Bueno aires no início do século XX. In: **Seminário internacional fazendo gênero 11 & 13 Womens worlds congress**. Florianopolis 2017.

FROTA, Helena; NOTTINGHAM, Priscila. **O Brasil na Rota do Tráfico de Escravas Brancas: Entre a Prostituição Voluntária e a Exploração de mulheres na Belle Époque**. SINAIS– Revista Eletrônica. Ciências Sociais. Vitória, v 11,n.11, junho. 2012. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/sinais/article/viewFile/4577/3561>. Acesso em 20 de jun. 2020

GOMES, Valéria; IAPECHINO, Mari. A inclusão cultural letrada no século XIX: o papel da imprensa. **Revista Solettras**, n. 15. São Gonçalo: UERJ, 2008. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/solettras/15/a\\_inclusao\\_cultural\\_letrada.pdf](http://www.filologia.org.br/solettras/15/a_inclusao_cultural_letrada.pdf). Acesso em 12 out 2019.

GRUMAN, Marcelo. A Prostituição Judaica no Início do Século XX: desafio à construção de uma identidade étnica positiva no Brasil. **Campos-Revista de Antropologia**, Paraná, 2006.

KUSHNIR, Beatriz. **Mulheres e Judias e Prostituição**. As Polacas e suas associações de Ajuda Mútua. Baile de máscaras. Rio Janeiro: Imago, 1996.

MACEDO JR., F. F. de. **Da prostituição em geral, e em particular em relação à cidade do Rio de Janeiro: prophylaxia da syphilis**. Rio de Janeiro: Tip. Acadêmica, 1869.

MENEZES, Lená Medeiros de. **Os estrangeiros e o comércio de prazer nas ruas Rio (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MEIRELLES, Juliana Gesuelli. **A família real no Brasil: política e cotidiano (1808-1821)**. Editora UFABC, 2015, 91 p.



NETO, Renato Drummond Tapioca. A “Rainha do lar” e a “mulher da vida”: a concepção das imagens femininas em José de Alencar. Litterata. Ilhéus. Vol 8/1. 2018.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A relação entre a história e a imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1930). *Historiæ*, Rio Grande, v. 2, n. 3, p. 125-142, 2011.

PINTO, Céli Regina Jardim. (2010), Feminismo, História e Poder. *Revista de Sociologia e Política*, v. 18, n. 36, pp. 15-23.

RAGO, Luzia Margareth. **Os Prazeres da Noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo: (1890 – 1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RAGO, Luzia Margareth. Do cabaré ao lar. **A utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista**. Brasil 1890 – 1930. 4 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2014.

ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na História**. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

SACRAMENTO, Sandra. **O amor em terras brasileiras**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, n. 01, p. 20-27, jan./abr. 2006.

SAES, Alexandre Macchione. **Vida urbana e capitalismo na modernização de Salvador**, Rio de Janeiro e São Paulo na transição para o século XX. *Anais XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão*, São Paulo, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. **O Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SILVA, Marinete S. **Clientes e circuitos da prostituição no Rio de Janeiro do século XIX**. Dimensões. vol 29. P. 374-391. 2012.

SILVA, Marinete S. O tráfico e a exploração de mulheres na prostituição no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. *Revista Ler História*, n. 68, pp. 87-108, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/lerhistoria/1717>. Acesso em 29 jan. 2019.

TEORIA, METODOLOGIA E POSSIBILIDADES: OS JORNAIS COMO FONTE E OBJETO DE PESQUISA HISTÓRICA. (1). *Escritas: Revista Do Curso De História De Araguaína*, 7(1), 03-17. <https://doi.org/10.20873/vol7n1pp03-17>

Ullmann, R. A. **Amor e sexo na Grécia Antiga**. Porto Alegre: Edipucrs. 2005.



VIEIRA, Patricio De Albuquerque. **Anais IV CONEDU...** Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/38913>>. Acesso em: 17/11/2020 20:06

VINCENT, Isabel. **Bertha, Sophia E Rachel: A sociedade da Verdade e o tráfico das polacas nas Américas.** Tradução: Alexandre Martins. 1. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumára, 2006. 246 p.